EXPERIÊNCIA DA CORPORIFICAÇÃO DA CADEIRA DE RODAS EM PESSOAS COM LESÃO MEDULAR

Carlos Eduardo Sandes do Nascimento, Adriana Dutra Tholl, Karine Kulkamp de Souza Muniz, Micheline Henrique Araújo da Luz Koerich, Jocemar Ilha

INTRODUÇÃO

A lesão da medula espinal, conhecida como lesão medular (LM), promove alterações motoras, sensoriais e autonômicas que repercutem diretamente na forma como o indivíduo percebe seu corpo e interage com o ambiente (Fuentes et al., 2013; Pazzagliaet al., 2013; Scandolaet al., 2019). Além das limitações decorrentes da lesão, o processo de reabilitação envolve uma reorganização da experiência corporal, na qual recursos de tecnologia assistiva, especialmente a cadeira de rodas, passam a desempenhar papel fundamental na retomada da mobilidade, da autonomia e da participação social (Papadimitriou, 2008; Monforte; Smith; Pérez-Samaniego, 2021; Ciezaet al., 2010).

Sob essa perspectiva, a cadeira de rodas pode ultrapassar sua função de dispositivo de mobilidade e integrar-se à experiência corporal do indivíduo. Esse fenômeno é descrito como corporificação (embodiment), entendido como o processo pelo qual um recurso externo, utilizado de maneira recorrente e funcional, passa a ser incorporado ao sistema de percepção e ação do usuário, tornando-se parte de sua experiência corporal (Ziemke; Hirose, 2002).

Estudos prévios demonstram que o uso recorrente da cadeira de rodas pode modificar tanto a representação corporal quanto a percepção espacial, influenciando aspectos relacionados ao movimento, às possibilidades de ação e à interação com o ambiente (Fuentes et al., 2013; Higuchi et al., 2009; Scandolaet al., 2019). Paralelamente, pesquisas qualitativas evidenciam que esse processo também envolve transformações na autonomia, na identidade e na forma como as pessoas atribuem significado à cadeira de rodas ao longo de sua trajetória após a LM (Monforte; Smith; Pérez-Samaniego, 2021; Vázquez-Fariñas; Rodríguez-Martín, 2021; Pabón; Hernández, 2013).

Entretanto, a literatura ainda apresenta limitações na compreensão da corporificação da cadeira de rodas enquanto experiência vivida, sobretudo no que diz respeito à integração entre os aspectos perceptivos, funcionais e experienciais desse processo. Assim, compreender como pessoas com LM constroem essa relação com a cadeira de rodas pode contribuir para ampliar o entendimento sobre os processos de reabilitação e subsidiar práticas clínicas centradas na experiência do indivíduo. Nesse contexto, o presente estudo teve como objetivo explorar a experiência da corporificação da cadeira de rodas em pessoas com LM, buscando compreender como o uso funcional e contínuo desse dispositivo participa da reorganização corporal e da relação entre corpo e ambiente.

DESENVOLVIMENTO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, conduzida por meio da Análise Fenomenológica Interpretativa (InterpretativePhenomenologicalAnalysis – IPA), conforme proposta por Smith, Flowers e Larkin (2009). Essa abordagem metodológica busca compreender como os indivíduos atribuem significado às suas experiências no uso da cadeira de rodas, priorizando uma análise idiográfica e interpretativa de cada participante. A interpretação dos dados foi orientada pela fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, especialmente pela concepção do corpo vivido e da intencionalidade perceptivo-motora (Merleau-Ponty, 2018). Em complemento, foi utilizada a teoria ecológica da percepção de James J. Gibson (1979), segundo a qual percepção e ação emergem da interação contínua entre indivíduo e ambiente.

Este arcabouço metodológico foi concebido para avaliar o processo de corporificação da cadeira de rodas, com base na teoria da corporificação radical. Nessa perspectiva, a corporificação é

compreendida como um processo dinâmico de reorganização do acoplamento entre corpo, cadeira de rodas e ambiente. Assim, a cadeira de rodas deixa de ser entendida meramente como um objeto externo ou dispositivo assistivo, passando a ser considerada uma extensão do ser corporal no mundo. Os participantes foram recrutados por amostragem intencional a partir do Núcleo de Pesquisa em Lesão Medular (NULEME/UDESC) e do Grupo de Apoio às Pessoas com Lesão Medular (GALEME/UFSC).A seleção buscou contemplar diversidade quanto ao sexo, idade, características sociodemográficas, nível e tempo de lesão, respeitando a proposta idiográfica da IPA, que privilegia a profundidade analítica em detrimento do tamanho da amostra (Smith et al., 2009). Foram incluídos adultos com LM traumática ou não traumática, usuários de cadeira de rodas manual como principal meio de locomoção (mais de 75% do tempo), com tempo de lesão igual ou superior a 12 meses. Foram excluídos indivíduos hospitalizados nos 15 dias anteriores à coleta, com dificuldades de comunicação verbal, amputações ou outras condições de saúde relevantes além da LM.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas conduzidas remotamente via Microsoft Teams, com duração aproximada de 75 minutos (variação de 60 a 90 minutos). O roteiro de entrevista foi desenvolvido por meio de um processo de co-design parcial, com apoio de práticas de Envolvimento do Público em Pesquisa (EPP), envolvendo um painel composto pela equipe de pesquisa e pela população de interesse, incluindo: um fisioterapeuta e pesquisador com mais de 15 anos de experiência em pesquisa sobre LM, uma fisioterapeuta e pesquisadora de estudos qualitativos, uma enfermeira e pesquisadora com experiência em estudos qualitativos e LM, uma estudante de doutorado e fisioterapeutae uma pessoa com LM que utiliza a cadeira de rodas como o principal meio de locomoção.Embora estruturadas a partir de um roteiro previamente definido e pilotado, as entrevistas foram conduzidas de forma flexível, priorizando a livre expressão das experiências dos participantes. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, transcritas integralmente e posteriormente organizadas no software ATLAS.ti®, utilizado para gerenciamento e análise dos dados.

Além das entrevistas, a caracterização da amostra foi realizada por meio de questionários aplicados remotamente e formulários online autoaplicáveis (via Microsoft Teams), utilizados para a coleta de informações demográficas, clínicas e funcionais. Para essa caracterização, foram utilizados os seguintes instrumentos: Life Space Assessment (LSA), para avaliação da mobilidade na comunidade; Wheelchair Mobility Activity Log (WC-MAL), para avaliação do uso da cadeira de rodas no cotidiano; versão brasileira autorreferida da Spinal Cord Independence Measure(brSCIM-SR), para avaliação da independência funcional; Leisure Time PhysicalActivityQuestionnaire for People with SCI (LTPAQ-SCI), para mensuração do nível de atividade física; Hospital Anxiety and Depression Scale (HADS), para avaliação de sintomas de ansiedade e depressão; e WheelchairUser'sShoulder Pain Index (WUSPI), para avaliação da dor no ombro relacionada ao uso da cadeira de rodas.

Os dados qualitativos foram analisados por meio dos procedimentos indutivos e dedutivos da IPA, conforme apresentado na Figura 1 (Smith et al., 2009). A análise envolveu leitura repetida das transcrições, codificação inicial, identificação e agrupamento de temas experienciais. Posteriormente, os temas emergentes foram reinterpretados à luz dos referenciais teóricos adotados, possibilitando o refinamento dos códigos e a consolidação dos temas finais. Todo o processo foi documentado e discutido entre ospesquisadores.

O rigor metodológico foi assegurado por meio da utilização do checklist COREQ (Tong et al., 2007) e dos critérios de qualidade propostos por Yardley (2000), contemplando sensibilidade ao contexto, compromisso e rigor analítico, transparência e coerência, bem como impacto e relevância dos achados. Além disso, os temas emergentes foram discutidos entre a equipe de pesquisa para aprimorar a interpretação e a transparência do processo analítico. Para garantir a confidencialidade, as transcrições foram pseudonimizadas e armazenadas de forma segura.

O estudo seguiu os princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, específica para pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, bem como as diretrizes da Lei nº 14.874/2024, que regulamenta o uso de meios digitais em pesquisas envolvendo seres humanos. Também foram observados os princípios gerais da Resolução nº 466/2012. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UDESC, sob o número CAAE 79412624.1.0000.0118.

RESULTADOS

Foram entrevistados 12 indivíduos com LM, igualmente distribuídos entre homens e mulheres, com idade média de 43 ± 11 anos e tempo médio de lesão de 11 ± 10 anos. Todos utilizavam cadeira de rodas manual como principal meio de locomoção e se apresentavam na fase crônica dalesão (>12 meses). Houve predominância de LMtraumáticas (75%). As características sociodemográficas e clínicas da amostra são apresentadas na Tabela 1.

A AnáliseFenomenológicaInterpretativa permitiu identificar três temas centrais: (1) ruptura da funcionalidade e reorganização inicial da ação; (2) formação e estabilização da unidade funcional corpo–cadeira de rodas; (3) reconfiguração corporal e redistribuição funcional.

Os relatos indicaram que, imediatamente após a lesão, a cadeira de rodas foi inicialmente percebida como um elemento estranho, frequentemente associada às perdas decorrentes da LM. Entretanto, à medida que os participantes retomavam suas atividades cotidianas, esse dispositivo passou a assumir um papel mediador da ação, possibilitando a reconstrução do engajamento com o ambiente e o restabelecimento da mobilidade e da autonomia. Esse processo evidencia que a cadeira de rodas deixa de representar apenas um recurso assistivo e passa a integrar o sistema corpo-ambiente, reorganizando as possibilidades de percepção e ação.

Outro aspecto recorrente nas entrevistas foi a consolidação de uma unidade funcional entre corpo e cadeira de rodas. Os participantes relataram que, com o uso contínuo, a cadeira passou a ser percebida como parte do próprio corpo, favorecendo uma sensação de prontidão para agir, segurança durante a locomoção e maior independência nas atividades diárias. Esse processo de corporificação mostrou-se dinâmico e dependente da familiaridade com o equipamento, do tempo de uso e da adaptação às demandas do cotidiano.

Também foram observadas transformações na forma como os participantes experienciavam o próprio corpo após a LM. As narrativas revelaram uma reconfiguraçãodas funções corporais, com redefinição do papel das pernas, que, embora permanecessem presentes na identidade corporal, deixavam de ocupar a centralidade funcional anterior. Em alguns relatos, as pernas passaram inclusive a ser percebidas como um obstáculo para determinadas atividades, evidenciando a plasticidade da experiência corporal e a reorganização do corpo diante das novas possibilidades de ação e interação com o ambiente.

Apesar da predominância de experiências positivas relacionadas à integração entre corpo e cadeira de rodas, persistiram relatos de conflitos associados às barreiras arquitetônicas, ao estigma social e ao estranhamento vivenciado no período inicial após a LM. Esses fatores demonstram que a corporificação não ocorre de maneira linear, mas constitui um processo contínuo, influenciado tanto por aspectos individuais quanto pelas condições ambientais e sociais.

Em conjunto, os achados ampliam a compreensão da cadeira de rodas para além de sua função como tecnologia assistiva, indicando que sua utilização recorrente favorece a reorganização da relação entre corpo, percepção e ação. Esses resultados dialogam com os pressupostos da fenomenologia de Merleau-Ponty e das abordagens contemporâneas da corporificação, reforçando a compreensão de que a experiência corporal emerge da interação dinâmica entre indivíduo e ambiente, e não apenas das limitações impostas pela LM.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A corporificação da cadeira de rodas configura-se como um processo individual, dinâmico e progressivo de reorganização da experiência corporal após a LM. Construída no acoplamento contínuo entre corpo, cadeira de rodas e ambiente, essa experiência redefine continuamente as possibilidades de percepção e ação, evidenciando que o corpo se reorganiza de forma contínuaao longo da vida pós-lesão. Esses achados ampliam a compreensão da corporificação como um fenômeno relacional e situado, no qual corpo, ambiente e contexto de vida constituem dimensões indissociáveis da experiência vivida.

Palavras-chave: Lesão medular; Cadeira de rodas; Corporificação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAUN, N.; DEBENER, S.; SPYCHALA, N.; BONGARTZ, E.; SÖRÖS, P.; MÜLLER, H. H. O.; PHILIPSEN, A. The senses of agency and ownership: A review. Frontiers in Psychology, v. 9, 2018.
GIBSON, James J. The ecological approach to visual perception. New York: Psychology Press, 1979.
HIGUCHI, T. et al. Perception of spatial requirements for wheelchair locomotion in experienced users with tetraplegia. Journal of Physiological Anthropology, v. 28, n. 1, p. 15–21, 2009.
MONFORTE, J.; SMITH, B.; PÉREZ-SAMANIEGO, V. "It's not a part of me, but it is what it is": the struggle of becoming en-wheeled after spinal cord injury. Disability and Rehabilitation, v. 43, n. 17, p. 2447–2453, 2021.
MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.
MONFORTE, J.; SMITH, B.; PÉREZ-SAMANIEGO, V. 'It's not a part of me, but it is what it is': the struggle of becoming en-wheeled after spinal cord injury. Disability and Rehabilitation, v. 43, n. 17, p. 2447–2453, 2021.
PABÓN, L.; HERNÁNDEZ ÁNGEL, V. Women living with a spinal cord injury: perceptions about their changed bodies. Qualitative Health Research.
PAPADIMITRIOU, C. Becoming en-wheeled: The situated accomplishment of re-embodiment as a wheelchair user after spinal cord injury. Disability and Society, v. 23, n. 7, p. 691–704, 2008.
PAZZAGLIA, M. et al. A Functionally Relevant Tool for the Body following Spinal Cord Injury. PLoS ONE, v. 8, n. 3, 2013.
SCANDOLA, M. et al. Embodying their own wheelchair modifies extrapersonal space perception in people with spinal cord injury. Experimental Brain Research, v. 237, n. 10, p. 2621–2632, 2019.
SMITH, J. A.; FLOWERS, P.; LARKIN, M. Interpretative Phenomenological Analysis: Theory, Method and Research. London: SAGE Publications, 2009.
TONG, A.; SAINSBURY, P.; CRAIG, J. Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): a 32-item checklist for interviews and focus groups. International Journal for Quality in Health Care, v. 19, n. 6, p. 349–357, 2007.
VÁZQUEZ-FARIÑAS, M.; RODRÍGUEZ-MARTÍN, B. Living with a fragmented body: a qualitative study on perceptions about body changes after a spinal cord injury. Spinal Cord, v. 59, n. 8, p. 855–864, 2021.
YARDLEY, L. Dilemmas in qualitative health research. Psychology & Health, v. 15, n. 2, p. 215–228, 2000.
ZIEMKE, T.; HIROSE, M. Embodiment. In: Nadel, L. (Ed.). Encyclopedia of Cognitive Science. London: Nature Publishing Group/Macmillan, 2002.